

**O *code-switching* na perspectiva da intercompreensão:  
Interações em *chat* plurilíngue no projeto Galanet**

Ana Paula Deslandes de Almeida Moutinho (PUC-Rio)

Maria das Graças Dias Pereira (PUC-Rio)

RESUMO: O estudo analisa a importância do *code-switching* para a intercompreensão, modalidade de ensino/aprendizagem de línguas na qual os aprendizes se comunicam prioritariamente na língua materna. Foram examinados dados de interação entre participantes na plataforma *online* do Galanet, projeto de intercompreensão de línguas românicas, para observar como o fenômeno se manifesta neste contexto, como pode contribuir para a troca linguística/cultural e para a aprendizagem. Os resultados mostram que, nesse contexto, a alternância cumpre funções sócio-pragmáticas e pedagógicas relacionadas a diferentes dimensões do processo de ensino-aprendizagem, auxiliando na construção da competência plurilíngue.

Palavras-chave: intercompreensão; *code-switching*; plurilinguismo; aprendizagem de línguas; *chat* plurilíngue.

## **Introdução**

Os projetos de intercompreensão de línguas buscam promover e incentivar o plurilinguismo e o multiculturalismo, envolvendo, em sua maioria, línguas de uma mesma família linguística, “línguas vizinhas” (DABÈNE, 1975). Na intercompreensão, os aprendizes desenvolvem a compreensão de outras línguas a partir de competências como a capacidade de encontrar relações semânticas, sintáticas, morfológicas ou fonéticas entre elas e sua língua materna. Cada falante se comunica em sua própria língua e trabalha para entender os falantes da língua vizinha e para se fazer compreender por eles (DEGACHE, 2003; CHAVAGNE, 2006).

Nas interações plurilíngues, um fenômeno linguístico presente é a alternância de códigos, ou *code-switching*. Na concepção de Gumperz (1982a, p.59), o *code-switching* é “a justaposição dentro da mesma interação discursiva de passagens pertencentes a dois sistemas ou subsistemas gramaticais distintos”, isto é, o uso alternado de duas ou mais línguas (ou dialetos, de acordo com algumas definições). Este fenômeno, inicialmente considerado um dos traços de um discurso bilíngue imperfeito, é, hoje, entendido como característica comum na fala de sujeitos bilíngues/plurilíngues, objeto de estudo de muitos pesquisadores e reconhecidamente útil para esclarecer questões linguísticas fundamentais (AUER, 1998, p.1).

No ensino de línguas, no entanto, a alternância entre a língua materna e a língua em fase de aprendizagem, ainda é, muitas vezes, compreendida como “interferência”, mesmo que a influência da abordagem comunicativa no ensino/aprendizagem de línguas tenha trazido de

volta a discussão teórica do uso da língua materna na sala de aula. Assim, enquanto na prática o uso da língua materna no processo de ensino/aprendizagem de língua estrangeira é comumente considerado negativo, há uma tendência em aceitá-lo como um instrumento didático e em aceitar o *code-switching* como um recurso pedagógico importante (FERRONI, 2010; MARTINEZ, 2009).

O tema deste estudo é a manifestação do *code-switching* na intercompreensão de línguas, com foco no desenvolvimento da competência comunicativa plurilíngue, a partir de dados do projeto Galanet, em seis línguas diferentes: português, espanhol, francês, italiano, romeno e catalão. Embora a pesquisa aborde um fenômeno comum em situações de contato entre línguas, a situação que propomos analisar é bastante particular. Trata-se de um contexto de contato intercultural plurilíngue, *online*, cujos objetivos não são os mesmos de uma aula tradicional de aprendizagem de idiomas, já que não há necessariamente uma “língua alvo” e os participantes não se preocupam em utilizar com precisão a língua que estão aprendendo, mas em usar a sua própria língua de modo a possibilitar uma comunicação bem-sucedida.

O objetivo central da pesquisa é analisar interações no projeto Galanet e mostrar a importância do *code-switching* para os projetos de intercompreensão que envolvem interação *online* entre falantes, no desenvolvimento de uma competência de comunicação plurilíngue, enfatizando sua utilização para a aprendizagem plurilíngue e multicultural. Levamos em consideração que a alternância de código já tem sua importância reconhecida na intercompreensão, mas que há necessidade de refletir sobre o fenômeno neste contexto.

As perguntas que orientam a pesquisa se voltam, assim, para a relação entre o *code-switching* e a intercompreensão de línguas: i) Como abordagens sobre o *code-switching* podem contribuir para uma proposta teórica e analítica de intercompreensão no projeto Galanet? ii) Como o *code-switching* funciona na interação entre os participantes no projeto, envolvendo línguas e culturas diferentes, e em que tipos de sequências da fala-em-interação o fenômeno surge? iii) Como o *code-switching* pode contribuir para o desenvolvimento de uma competência plurilíngue? São essas as indagações que pretendemos explorar.

Nas seções seguintes, tratamos, inicialmente, da intercompreensão de línguas, de abordagens sobre o *code-switching*, suas funções e motivações; detalhamos a metodologia da pesquisa, e, passamos, a seguir, para a parte analítica, com foco no *code-switching* em interações dos *chats* do projeto Galanet, antes de apresentarmos as considerações finais.

## 1. A intercompreensão de línguas

A intercompreensão surgiu na Europa no início dos anos 90, como alternativa aos métodos tradicionais de ensino/aprendizagem, e vêm se ampliando. O censo da Rede Europeia de Intercompreensão (Redinter) reportou mais de 188 ações pedagógicas (projetos, cursos, eventos) em prol da intercompreensão em situações de interação entre os participantes, sendo 43,1% iniciativas permanentes ou recorrentes<sup>1</sup> (DEGACHE, 2010; REDINTER, 2013).

---

<sup>1</sup> Dados estatísticos de 29 de outubro de 2014. As estatísticas são atualizadas constantemente através do website da Redinter: <http://www.redinter.eu/>

Com 23 línguas oficiais, mais de 60 línguas regionais e minoritárias e uma grande necessidade de comunicação entre seus países membros, a União Europeia prioriza políticas de valorização da diversidade linguística e projetos de aprendizagem de línguas, para preservar identidades culturais, promover integração social e proporcionar aos cidadãos europeus melhores oportunidades educacionais, profissionais e econômicas. A finalidade seria ter uma Europa onde cada cidadão pudesse falar pelo menos duas línguas além de sua língua materna e pudesse utilizar habilidades e competências adquiridas para beneficiar-se do contato com diversas línguas, continuando a aprendizagem durante toda a vida (COMMISSION OF THE EUROPEAN COMMUNITIES, 2008; COMISSÃO EUROPEIA, 2009).

O cenário fora da Europa não é muito distinto – em todos os continentes, línguas diferentes são faladas, muitas dentro de um mesmo país, e seus falantes precisam se comunicar em função de acordos políticos e econômicos ou por motivos turísticos, familiares, profissionais ou educacionais. De acordo com Lüdi e Py (2003), mais da metade da humanidade é plurilíngue<sup>2</sup> ou vive em um ambiente plurilíngue. Se no mundo moderno havia o incentivo ao bilinguismo, no pós-moderno o plurilinguismo é a regra (GRADDOL, 2006).

A disseminação da intercompreensão de línguas é crescente, sendo o Brasil e a Argentina os países não europeus com maior número de iniciativas pedagógicas na área (REDINTER, 2013). Os dois países têm participação em projetos europeus, como o Galanet e o Lingalog e têm um número cada vez maior de pesquisadores interessados no assunto, que, além de oferecerem cursos e disciplinas, fazem palestras e eventos sobre intercompreensão em diversas universidades e fora delas.

Embora haja, mais recentemente, experiências envolvendo o contato entre línguas não aparentadas<sup>3</sup>, a maior parte dos projetos de intercompreensão põe em contato línguas de uma mesma família linguística. As semelhanças, principalmente gramaticais e lexicais, entre as línguas aparentadas, facilitam o desenvolvimento de habilidades de compreensão. Além de projetos de intercompreensão de línguas românicas, há iniciativas que envolvem línguas germânicas, eslavas e nórdicas. Como mencionamos na introdução deste trabalho, nos projetos que promovem a interação entre os participantes, cada um se expressa em sua língua materna/língua de referência e desenvolve competências para compreender os falantes das outras línguas e se fazer compreender por eles (DEGACHE, 2003). Como afirma Chavagne (2006):

“A prática da intercompreensão fere também velhos hábitos no domínio do ensino das línguas, introduzindo uma separação sistemática das competências, já que não se trata de se exprimir na língua do outro, mas de se explorar ao máximo as semelhanças com as outras línguas conhecidas dos aprendizes. Quando um ensino tradicional das línguas associa as

---

<sup>2</sup> Adotamos aqui as acepções de “plurilinguismo” e “multilinguismo” presentes na Carta Europeia do Plurilinguismo (OBSERVATÓRIO EUROPEU DO PLURILINGUISMO, 2009, p.1): o “plurilinguismo” é entendido como “a utilização de várias línguas por um indivíduo”, enquanto o “multilinguismo” é “a coexistência de várias línguas num grupo social”

<sup>3</sup> Capucho (2010, p.104) menciona os estudos realizados no âmbito do projeto EU&I, em 2003, como os primeiros a testar o desenvolvimento de competências entre línguas de diferentes famílias. O projeto envolve, além das quatro línguas românicas principais, o búlgaro, o holandês, o alemão, o grego, o sueco e o turco. Há também o Intercom, que funciona com o alemão, o português, o búlgaro e o grego; cada língua é proveniente de uma subfamília diferente da cadeia indo-européia e o ICE (InterCompréhension Européenne), que propõe a intercompreensão tanto de línguas românicas quanto de línguas germânicas, eslavas e nórdicas.

competências (expressão e compreensão) e separa as línguas (chegando a isolá-las como, por exemplo, no caso da imersão), a prática da intercompreensão coloca em evidência os elos entre as línguas e separa as competências, para fazer passar um máximo de sentidos desde o início da aprendizagem. O mito do locutor nativo, ‘espécie de tudo ou nada’ segundo o qual se aprende uma língua para um dia a falar tão bem quanto um nativo, não existe mais.” (CHAVAGNE, 2006, p.1)

Na intercompreensão, a competência comunicativa plurilíngue se desenvolve e a comunicação se torna possível sem exigir um tempo longo de estudo.

## 2. O *code-switching*: abordagens, propostas teóricas e analíticas

O *code-switching* ou *alternância de códigos* tem despertado grande interesse acadêmico desde o fim da década de 80. O fenômeno pode ser analisado em perspectivas diferentes, com referencial teórico de diversas áreas, da linguística à psicologia (GARDNER-CHLOROS, 2009). Pesquisadores como Auer (1998) e Gardner-Chloros (2009) dividem as abordagens principais de estudo do *code-switching* em duas perspectivas: a discursivo-pragmática e a sintático-gramatical. A primeira abordagem trata das funções pragmáticas e das motivações sociais da alternância, enquanto a segunda, das restrições formais e padrões de ocorrência universais do fenômeno. O presente estudo se concentra na perspectiva discursivo-pragmática do *code-switching*.

Assim como Gumperz (1982a, 1982b) e Myers-Scotton (1993), alguns autores consideram que o *code-switching* abarca a alternância entre códigos, isto é, entre línguas e dialetos. Embora a alternância entre dialetos não seja nosso foco, a definição apresentada na introdução deste trabalho - “a justaposição dentro da mesma interação discursiva de passagens pertencentes a dois sistemas ou subsistemas gramaticais distintos” (GUMPERZ, 1982a, p.59) - parece ser a mais adequada para esta pesquisa e será a definição considerada aqui.

De acordo com o estudo de Oliveira (2006), podemos inferir que há dois enfoques principais para a análise discursivo-pragmática do *code-switching*: o sócio-pragmático, representado principalmente por Gumperz (1982a, 1982b; BLOM E GUMPERZ, 1972) e o interacional, cujo principal representante é Auer (1984a, 1984b, 1988, 1995, 1998). São de Gumperz (1982a, 1982b; BLOM e GUMPERZ, 1972) os estudos introdutórios da abordagem sócio-pragmática de análise do *code-switching*, que o tornaram o mais influente pesquisador dessa vertente. O autor relaciona o *code-switching* do discurso bilíngue às escolhas discursivas dos monolíngues, como a prosódia, por exemplo, que transmite significados de natureza sócio-pragmática. Para Gumperz, o *code-switching* é uma estratégia discursiva, utilizada para projetar traços de nossa identidade sociocultural, estando, portanto, entre os mecanismos linguísticos que o autor chama de “pistas de contextualização”<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> Pistas ou convenções de contextualização são “pistas de natureza sociolinguística que utilizamos para sinalizar os nossos propósitos comunicativos ou para inferir os propósitos conversacionais do interlocutor” (RIBEIRO & GARCEZ, 2002, p. 149). Além da alternância de código, são convenções de contextualização outras pistas linguísticas, como alternância de estilo, paralinguísticas, como pausas e hesitações, entre outras (GUMPERZ, 1982<sup>a</sup>, p. 152-154).

Sobre os tipos de relações sociais e identitárias estabelecidas pelo *code-switching*, Gumperz (1982a) distingue aquelas que se relacionam aos conceitos de *they-oriented (they-type)* e *we-oriented (we-type)*. A língua com orientação *we-type* (ou o *we-code*) seria a escolhida por incluir um tipo de recurso para estabelecer solidariedade entre os participantes; a língua com orientação *they-type* (ou *they-code*) contaria com recursos que expressariam uma relação mais formal e impessoal. Esta classificação motivou muitas pesquisas subsequentes, mas também recebeu muitas críticas. Auer (1991, apud OLIVEIRA, 2006, p.333), por exemplo, afirma que esta é uma classificação muito ampla e nem sempre condizente com a realidade, já que não dá conta de todas “as nuances de significado social atribuído às línguas num repertório bilíngüe”, além de ser estabelecida previamente à análise de dados.

Além de propor a distinção entre *we-code* e *they-code*, Gumperz (1982a) propôs também categorias para as funções do *code-switching*. Estas categorias, além de outras tipologias estabelecidas posteriormente por autores como Grosjean (1982) e Koziol (2000, apud OLIVEIRA, 2006), foram utilizadas para compor construtos teóricos analíticos da presente pesquisa.

### 3. Relações interpessoal, intertextual e da mensagem no *code-switching*: estabelecimento de construtos teóricos e analíticos

Como mencionamos na seção anterior, muitos pesquisadores estabeleceram tipologias do *code-switching* de acordo com suas funções ou motivações. Na análise dos dados (ver seção 5), utilizamos uma tipologia elaborada mediante reflexão a partir das categorias estabelecidas por pesquisadores da vertente sócio-pragmática do *code-switching*. Acreditamos que é impossível utilizar um sistema de análise pré-estabelecido com mecanismos que funcionam como motivações para o estabelecimento do *code-switching*, que serão também reconfiguradas na ordem da interação nas situações propiciadas pela plataforma do Galanet. Os construtos teórico-analíticos, portanto, servirão para guiar a análise, mas entendemos que, nas situações de interação no Galanet, outros recursos surgirão, com novos efeitos significativos na interação.

Para compor o quadro teórico-analítico, utilizamos uma combinação de funções estabelecidas na interação, mediante motivações identificadas por diferentes autores. Apresentamos os construtos que compõem o arcabouço teórico de análise, que envolvem três tipos: 1) relação com os interlocutores; 2) relação intertextual; 3) relação com a mensagem.

#### 1) Relação com os interlocutores

**(i) Solidariedade:** indica um grau de envolvimento entre os participantes da interação. Está presente na tipologia de Grosjean (1982) e se aproxima da classificação de recursos *we-code*, estabelecidos por Gumperz (1982a), para a criação de uma atmosfera mais íntima e confortável com o interlocutor.

**(ii) Distanciamento:** expressa o uso de recursos de determinada língua para evitar a criação de uma atmosfera íntima e pessoal. Da mesma forma que a solidariedade se aproxima de

recursos *we-code*, o distanciamento se aproxima de recursos *they-code*. Foi também identificada primeiramente por Gumperz (1982a), e aparece nas tipologias de Koziol (2000, apud OLIVEIRA, 2006) e de Grosjean (1982).

**(iii) Mitigação:** pode abrandar o conteúdo de alguma mensagem ou torná-la mais polida (FRASER, 1980; HOLMES, 1984), além de indicar respostas à incerteza (CZERWIONKA, 2014). Foi identificada por Koziol (2000, apud OLIVEIRA, 2006).

**(iv) Endurecimento:** pode tornar a mensagem mais “dura”, mais enfática. Funciona de forma oposta à “mitigação” (KOZIOL, 2000, apud OLIVEIRA, 2006).

**(v) Especificação do interlocutor:** o uso do recurso, para que uma mensagem seja dirigida a um interlocutor ou a interlocutores específicos, pode resultar na inclusão ou exclusão de participantes na interação. Foi primeiramente identificada por Gumperz (1982a) e está presente também na tipologia proposta por Grosjean (1982).

**(vi) Interjeição:** utilização de exclamação para exprimir um dado estado emocional. Recurso identificado por Gumperz (1982a) e Koziol (2000, apud OLIVEIRA, 2006).

**(vii) Ludicidade:** quando a língua é alternada por uma brincadeira, sem que haja outra função/motivação subjacente. A função lúdica do *code-switching* foi identificada por Caubet (2001, apud GARDNER-CHLOROS, 2009) e McCormick (2002, apud GARDNER-CHLOROS, 2009).

## 2) Relação intertextual

**(viii) Citação:** consiste na alternância para usar uma citação na língua em que o trecho citado foi produzido. É considerada como a razão mais comum para a alternância. Está presente na tipologia de Gumperz (1982a), Grosjean (1982) e Koziol (2000, apud OLIVEIRA, 2006).

**(ix) Continuação da última língua utilizada (*triggering*):** acontece quando uma alternância provoca o uso de outra língua por parte do interlocutor. A alternância funciona como um “gatilho” para desencadear o uso da língua para a qual o falante alternou. Foi identificada por Grosjean (1982).

## 3) Relação com a mensagem

**(x) Clarificação:** sua função é de promover algum esclarecimento sobre a mensagem. No entanto, nessa categoria não há a repetição do enunciado na língua da alternância, como ocorre na reiteração. Koziol (2000, apud OLIVEIRA, 2006) identificou a função de “substituição” (apostos), na qual o falante utiliza a alternância para definir o tópico abordado ou relacioná-lo com outro assunto. Nesse estudo, consideramos que a “substituição” é apenas um tipo de clarificação e incluímos as duas formas na mesma categoria.

**(xi) Qualificação da mensagem:** é utilizada quando a alternância visa qualificar um complemento ou argumento, ampliando ou enfatizando o que está sendo dito. Está presente nas tipologias de Gumperz (1982a) e Grosjean (1982) e Koziol (2000, apud OLIVEIRA, 2006).

**(xii) Reiteração:** consiste na repetição de um enunciado na língua da alternância, literalmente ou com poucas modificações, para esclarecer ou destacar a mensagem. É também denominada de “paráfrase”. Foi primeiramente identificada por Gumperz (1982a).

**(xiii) Preenchimento:** consiste no emprego de um item lexical, sintagma nominal ou marcador conversacional para preencher uma necessidade linguística. Pode se relacionar com a competência do falante, mas também à facilidade de expressão de conceitos na outra língua através de determinados elementos linguísticos. Está presente nas tipologias propostas por Grosjean (1982) e Koziol (2000, apud OLIVEIRA, 2006).

Propomos a organização das categorias do quadro teórico analítico em três grupos:

**(i) Funções interpessoais que expressam a relação entre os interlocutores:** O *code-switching*, nessa categoria, cumpre funções no modo como os participantes se relacionam.

**(ii) Mecanismos que expressam uma relação intertextual:** Quando o *code-switching* é relacionado à própria interação na qual ele é utilizado, em interações anteriores ou em textos externos.

**(iii) Mecanismos que expressam relação com a mensagem:** Nessa categoria, o *code-switching* se refere à própria mensagem expressa no momento da interação.

De acordo com as categorias propostas, estabelecemos o quadro de categorias sócio-pragmáticas, interacionais e textuais do *code-switching*, como construtos teóricos e analíticos, apresentado a seguir.

### **Quadro teórico e analítico de categoriais sócio-pragmáticas e interacionais do *code-switching***

<p><b>1. Relação entre os interlocutores</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>▪ Solidariedade</li><li>▪ Distanciamento</li><li>▪ Mitigação</li><li>▪ Endurecimento</li><li>▪ Especificação do interlocutor</li><li>▪ Interjeição</li><li>▪ Ludicidade</li></ul> <p><b>2. Relação intertextual</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>▪ Citação</li><li>▪ <i>Triggering</i></li></ul> <p><b>3. Relação com a mensagem</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>▪ Reiteração</li></ul>
---

- Clarificação
- Qualificação da mensagem
- Preenchimento

Trataremos, na seção seguinte, de questões sobre a metodologia de pesquisa. Na seção posterior, passaremos à análise dos dados, a partir do quadro teórico e analítico acima estabelecido.

#### 4. Metodologia de pesquisa

A presente pesquisa é de natureza qualitativa<sup>5</sup> (DENZIN E LINCOLN, 2005, p.10) e interpretativa (GUMPERZ, 1982a), com orientação de cunho etnográfico e etnometodológico. A etnografia (ERICKSON, 1996) e a etnometodologia (COULON, 1995) focalizaram inicialmente a análise da interação na vida cotidiana, em interações em contextos espontâneos e institucionais. Para os contextos virtuais, em interações *online*, há reformulações. No entanto, habitar contextos virtuais hoje faz parte da vida social; as pessoas já passaram a habitar espaços virtuais, criando e reproduzindo relacionamentos e identidades sociais (HALLETT & BARBER, 2014, p.307). Braga (2006) aponta a necessidade de desenvolver, para cada pesquisa, uma composição de técnicas, resultando em um aparato metodológico específico.

Para adaptar a etnografia a contextos digitais, alguns pesquisadores<sup>6</sup> utilizam o conceito de “netnografia”. Kozinets (2002, p.2) define o termo como “uma nova metodologia qualitativa de pesquisa que adapta as técnicas de pesquisa etnográfica ao estudo das culturas e comunidades emergentes através da Comunicação Mediada por Computador”<sup>7</sup>. O autor explica que, como a etnografia, a “netnografia” é um método inerentemente flexível e adaptável, que pode ser utilizado em diferentes áreas e contextos e que é frequentemente combinada com outras metodologias, incluindo a própria etnografia (KOZINETS, 2010, p.55). No entanto, como observa o autor, há diferenças da “netnografia” em comparação à etnografia. Em interações *online*, há a possibilidade de observar sem ser percebido e, em alguns gêneros digitais, de consultar interações passadas perfeitamente (como é o caso dos *logfiles* e dos fóruns de discussão). Braga (2006, p.4) também nota a possibilidade de “espreitar” as interações sem participar delas, e se pergunta se uma “observação não-participante” seria possível e se poderíamos “apreender a cultura de um grupo sem participar dele”. A autora considera que a observação é um tipo “especial” de participação e viabiliza a apreensão dos aspectos de uma cultura, que poderão ser minuciosamente descritos pelo pesquisador, posteriormente.

No caso do presente estudo, uma das pesquisadoras também foi participante do cenário e de parte das interações analisadas, experienciou convívio com o grupo social e teve

<sup>5</sup> Embora tenha mencionado as funções mais ou menos frequentes nos dados, a pesquisa é qualitativa, visto que seu foco não é a quantificação ou “análise de relações causais entre variáveis” (DENZIN E LINCOLN, 2005, p.10)

<sup>6</sup> Braga (2006, p.4) atribui a criação do termo aos pesquisadores norte-americanos Bishop, Star, Neumann, Ignacio, Sandusky & Schatz, em 1995. Kozinets (2002, 2010) é outro autor frequentemente mencionado como criador do conceito e é o mais citado em publicações da área.

<sup>7</sup> Tradução nossa.



familiaridade com o contexto. Consideramos que houve, de fato, uma “observação participante”, como membro do contexto *online*. Com a observação posterior dos dados, tornou-se possível buscar vivências em situações de que participou para selecionar e compor dados para a análise (DESLANDES, 2013).

Os dados para análise foram selecionados em interações através de *chat* no projeto de intercompreensão de línguas românicas Galanet, criado em 2001 e financiado pelo programa Sócrates da União Europeia, sob a coordenação geral de Christian Degache da Universidade Stendhal Grenoble 3. Trata-se de um projeto colaborativo com participação de sete universidades: Stendhal Grenoble 3, Université Lumière Lyon 2, Universidade de Aveiro, Universitat Autònoma de Barcelona, Universidad Complutense de Madrid, Università degli Studi di Cassino e Université Mons-Hainaut.

No Galanet, a interação entre os participantes funciona em uma plataforma *online*<sup>8</sup>, desenhada como um centro de línguas, com ferramentas e “salas” específicas para diferentes tipos de interações. Como ambientes principais de interação há: um fórum de discussões; o “Mensageiro interno”, sistema semelhante ao *e-mail*; o “Quem está *online*?”, serviço de mensagens instantâneas; o bar, sala de bate-papo livre; e as salas de *chat* amarela, vermelha e azul, que têm as conversas registradas em arquivos que podem ser acessados posteriormente.

Na plataforma, as interações em “sessões” duram de 3 a 4 meses. Durante cada sessão, as equipes, formadas geralmente por alunos e professores de diferentes instituições, interagem e discutem os temas propostos e, como resultado, produzem um dossiê plurilíngue. Os dados analisados neste trabalho foram gerados através da plataforma entre participantes das sessões *Idee a confronto* e *L’art Du dialogue*, que aconteceram entre outubro e dezembro de 2005 e fevereiro e maio de 2006, respectivamente. São registros de todos os *chats* das sessões nas salas amarela, vermelha e azul. O acesso aos dados nos foi concedido pelo coordenador do projeto, professor Christian Degache, assim como a autorização para utilizá-los na pesquisa (DESLANDES, 2013).

Quatro equipes participaram da sessão “*Idee a confronto*”: uma equipe brasileira, uma italiana, uma espanhola e uma francesa, além de alguns participantes espanhóis que falaram catalão durante o projeto. Foram 76 participantes nessa sessão, embora nem todos tenham participado ativamente dos *chats*. Já a sessão “*L’art du dialogue*” teve a participação de 23 equipes, francesas, espanholas, italianas, argentinas e brasileiras, e 247 participantes. As interações se deram em português, espanhol, francês, italiano, romeno e catalão, já que, nestas sessões, não havia nenhum participante falante de galego.

Como pode ser difícil para quem não é familiarizado com as línguas entender quando há alternância, para melhor visualização dos exemplos comentados na análise, um código foi estabelecido para diferenciar cada uma das cinco línguas: os enunciados em português não foram modificados; os enunciados em italiano estão em negrito; os enunciados em espanhol estão sublinhados; os enunciados em francês estão em negrito e itálico; os enunciados em catalão estão sublinhados e em itálico; os enunciados em romeno têm sublinhado duplo os enunciados nas línguas não-românicas (inglês e alemão) estão em itálico.

É importante notar que os exemplos estão transcritos exatamente como estão nos registros e com todos os erros ortográficos, tipográficos e demais características da interação virtual foram mantidas. Apenas duas modificações foram efetuadas nos dados: (1) Suprimimos os nomes completos dos participantes; (2) Por uma característica do sistema de

---

<sup>8</sup> Acessível através do website <http://www.galanet.eu/> somente por membros cadastrados.

armazenamento de dados, todos os caracteres acentuados foram substituídos pelo símbolo □. Mudamos o símbolo novamente para os caracteres acentuados, com a ajuda de dicionários e de falantes nativos das línguas envolvidas.

## 5. O *code-switching* em interações dos *chats* do projeto Galanet

De acordo com o “Quadro teórico e analítico de categorias sócio-pragmáticas e interacionais do *code-switching*” (ver seção 3), fazemos, a seguir, a análise de dados. Entendemos que os recursos envolvidos com a relação entre os interlocutores, intratextuais e com a mensagem estão inseridos em uma dimensão pedagógica, pois retratam motivações e funções do *code-switching* no dia a dia dos indivíduos bilíngues e plurilíngues, inclusive em situações de ensino/aprendizagem.

### 5.1 Relação entre os interlocutores

Detalhamos, nesta subseção, interações de alternância de código nas categorias de solidariedade, mitigação, endurecimento, especificação do interlocutor e ludicidade. A categoria distanciamento que seria utilizada para criar uma atmosfera mais impessoal ou para excluir participantes da conversa não apareceu nos dados analisados. É interessante notar que a função de estabelecer solidariedade, oposta à de distanciamento, é uma das mais frequentes em nossos dados, provavelmente sinalizando para os objetivos do projeto.

#### (i) Solidariedade

Notamos que a maior parte das alternâncias deste tipo é utilizada no início e no final dos *chats*, nos cumprimentos e nas despedidas. Foi possível notar que a língua escolhida para cumprimentar ou se despedir, é, muitas vezes, a língua materna da maior parte dos participantes que se encontram na sala de bate-papo ou do participante que entra em uma conversa já iniciada. Com base na ideia de Goffman (1959/1983) de que os falantes procuram durante toda a interação interpretar o máximo possível de informações contextuais e da identidade dos interlocutores, Melo (2006, p.115) afirma que nas conversas através de *chat* é sobretudo no início que se busca por contextualização bem como por aberturas e fechamentos, já que, na ausência dos canais auditivo e visual, os participantes devem apresentar e negociar identidades cada vez que entram novos participantes na interação.

Notamos que, algumas vezes, os participantes utilizam mais de uma língua estrangeira nas despedidas, como no exemplo, a seguir:

(1)

[17:32:45][YolandaD] adeus, *au revoir*, *adeu*, *adios*, *ciao*, *bye*....!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

[17:32:57][Adrilu] Per non se van! Yo tengo dudas todavia!!

[17:32:58][Phelipe] Sim Martine. Está bebendo ela e o Fabien e o Nico! Não é Simge?

[17:32:59][CristinaP] Yo también me tengo que ir, *CIAO*, *AU REVOIR*; *Adiós a todo/as!*

185

No exemplo, YolandaD e CristinaP utilizam várias línguas românicas para se despedir dos outros participantes. Nesse momento, havia participantes brasileiros, espanhóis/catalães e franceses na sala de bate-papo, com conhecimentos diferentes das línguas românicas.

Como nota Marcuschi (2002), quando o participante entra em uma sala de bate-papo, faz um cumprimento genérico, endereçado a todos e só depois se dirige a alguém em particular, se desejar. O mesmo acontece com a despedida. É natural que, em um *chat* plurilíngue, esses cumprimentos e despedidas sejam feitos em várias línguas, já que nem todos falam a língua dos participantes. Interpretamos essa utilização como um gesto de aproximação e solidariedade, assim, os participantes expressam seu desejo de que seu cumprimento/despedida seja compreendido e apreciado por todos os participantes presentes.

## (ii) Endurecimento

A função de endurecimento da mensagem apareceu somente uma vez nos dados analisados, no seguinte extrato:

(2)

[17:29:24][CristinaP] *Alors?*

[...]

[17:32:19][Jean-Baptiste] porque ya sí que si llego así diciéndoos : mirad, el alma existe y es por eso porque el amor tambien existe

[17:32:30][Jean-Baptiste] no me váis a escuchar

[17:32:45][CristinaP] Bueno, creo que estamos desenfocando el tema. La propuesta del Forum era la excusa para que a través de nuestras respectivas lenguas pudieramos reflexionar sobre algo más directo y personal: los sentimientos. Nada de alma, ontología, Nietzsche, taoísmo....

[17:32:58][JuanJoséO] o a lo mejor si, seguro que no eres la unica persona espiritual en este mundo

Neste exemplo, CristinaP, falante nativa de espanhol, que até então se comunicava em francês (a língua que estuda na faculdade), alterna para o espanhol, língua que Jean-Baptiste e JuanJoséO utilizam em sua discussão. Com sua mensagem em espanhol, a participante chama a atenção dos interlocutores e opina contra o rumo que a conversa está tomando (“*estamos desenfocando el tema*”). Podemos interpretar a alternância como uma estratégia de endurecimento, já que CristinaP alterna para o espanhol para enfatizar o seu pedido de que a conversa não aborde temas tão polêmicos.

## (iii) Mitigação

A função oposta à de endurecimento, a de mitigação, também aparece muito pouco nos dados analisados. O exemplo abaixo ilustra a utilização:

(3)

[11:51:39][Adrilu] Come-se brigadeiro em festa de criança (**bambino**)

[11:51:43][Stefano] **una specie di dulce de leche argentino...oppure è diverso?**

[11:51:44][MarcoB] **Ana...buonissimo...**

[11:52:02][Adrilu] NÃO TEM NADA A VER COM DULCE DE LECHE ARGENTINO!!!!!!!!!!!!

[...]  
 [11:52:22][Adrilu] Por favor, não confunda brasileiro com argentino!!!! :(((  
 [11:52:24][IdaR] **Ma dulce de leche argentino tambien é bonissimo...** mas nao é brigadeiro  
 [...]  
 [11:53:30][IdaR] Tudo bem Stefano... as vezes os brasileiros ficam sensíveis com relação aos vizinhos... **ma sone tutti buona gente...**  
 [11:53:40][IdaR] tambien muito italianos, na Argentina  
 [11:53:42][Adrilu] **qui è buona gente?**  
 [11:53:49][Adrilu] **argentini???**  
 [11:53:52][Adrilu] :)))

No exemplo, uma conversa sobre doces típicos da Itália e do Brasil, Stefano pergunta se o “brigadeiro” é parecido com o doce de leite argentino. Adrilu brinca com a rivalidade entre brasileiros e argentinos, afirmando que os dois são diferentes e pede que os colegas “não confundam brasileiro com argentino”, se expressando de um modo que, de acordo com a linguagem utilizada na internet, pode ser interpretado como “rude” (com toda a frase em letras maiúsculas e com muitos pontos de exclamação) e “exagerado” (ela utiliza um *emoticon* representando uma expressão de tristeza diante da confusão entre os doces brasileiro e argentino). Embora Stefano não tenha reagido com surpresa diante da manifestação exagerada de Adrilu, IdaR utiliza o italiano duas vezes para mitigar as afirmações da colega (“*ma dulce de leche argentino también é bonissimo*” e “*ma sone tutti buona gente*”).

#### (iv) Especificação do interlocutor

A função de especificação do interlocutor, quando a alternância é utilizada para especificar o receptor da mensagem, também foi encontrada nos dados, como vemos no exemplo (4):

(4)  
 [17:37:55][Jean-Baptiste] **bien :D**  
 [17:37:59][Adrilu] nossa! a questão chegou a Deus?  
 [17:38:05][Adrilu] Oi, Jean, tudo bem?  
 [17:38:15][Jean-Baptiste] sim e tu ?  
 [17:38:16][Adrilu] Parece que você está "fundindo a cuca" de todos!  
 [17:38:26][Jean-Baptiste] estão-me a castigar :D  
 [17:38:27][CarlesR] no!  
 [17:38:27][Adrilu] fundindo a cuca = derretendo a cabeça  
 [17:38:48][CristinaP] **NO! es sólo un intercambio de opiniones**  
 [17:38:55][Jean-Baptiste] si, perdón  
 [17:38:59][Jean-Baptiste] me estoy burlando :D  
 [17:39:03][CarlesR] Adri tu has entendido el escrito de Jean?  
 [17:39:06][Jean-Baptiste] a la vez de vosotros y de mí

Nesse exemplo, Adrilu entra na sala se comunicando em português, sua língua materna. Ela cumprimenta diretamente Jean-Baptiste, que responde em português. A alternância de Jean, do francês para o português, pode ser interpretada como especificação do interlocutor, já que apenas Adrilu fala português na sala. Adrilu afirma que o assunto proposto por Jean-Baptiste está “fundindo a cuca” de todos e ele responde que os colegas o estão castigando. Os outros participantes reagem negando a afirmação de Jean-Baptiste em espanhol e este responde,

também em espanhol, que está apenas brincando (“burlarse”, em espanhol, significa “zombar”). Essa alternância também pode ser interpretada como uma especificação do interlocutor, pois a mensagem de Jean-Baptiste se destina aos participantes espanhóis.

É importante notar que talvez esse tipo de alternância não seja utilizado com tanta frequência se o *chat* dispusesse de um recurso de seleção de parceiros (“seleção de parceiros em conversa no aberto”, como nomeia Marcuschi, 2002, p.18), presente em algumas salas de *chat* e através do qual o participante pode selecionar a quem deseja endereçar a mensagem.

Durante a análise, pudemos perceber também que a função de especificação do interlocutor se confunde com a de solidariedade e que muitas vezes a alternância é utilizada com a dupla função de dirigir uma mensagem a um interlocutor específico e também criar uma atmosfera mais confortável entre eles.

### (v) Ludicidade

Entre as funções relacionadas com os interlocutores, a função lúdica foi a que tivemos mais dificuldade em classificar. Notamos que esta função raramente aparece sozinha, mas acompanhada de outras funções, como especificação do interlocutor. O excerto (5) mostra um raro exemplo de uso da alternância que não parece ter nenhuma outra função além da ludicidade:

(5)  
[17:29:32][Simge] cervesa *nest pas lalchool*  
[...]  
[17:29:53][Phelipe] cervesa? *cerveja?*  
[17:29:59][Simge] si  
[...]  
[17:30:07][YolandaD] *bier! bière! birra!*

Nesse exemplo, todos os participantes conversam sobre cerveja e Phelipe utiliza a alternância para confirmar sua compreensão da palavra utilizada por Simge (“*cervesa*”, em espanhol). Em seguida, YolandaD, que se comunicava em espanhol, utiliza a palavra *cerveja* em três línguas diferentes (“*bier! bière! birra!*”) o alemão, o francês e o italiano, respectivamente, para brincar com os colegas, mediante estratégia de repetição.

### (vi) Interjeição

A alternância de código utilizada mediante uma interjeição aparece com pouca frequência em nossos dados. O exemplo (6) ilustra essa função da alternância de códigos:

(6)  
[14:02:19][Adrilu] *negar é dar uma de avestruz!*  
[14:02:45][RenataB] *eu adoro esse animal!! tão meigo :)))*  
[...]  
[14:03:20][IdaR] *Meu conho de consumo é passear em cima de um :)))*  
[14:03:24][IdaR] *na Africa*  
[14:03:32][Adrilu] *Ai! pobrecito!*  
[14:03:38][IdaR] *conho=sonho*

No exemplo, Adrilu utiliza uma expressão em espanhol (“*pobrecito*”, pobrezinho em português) para expressar pena quando IdaR diz que sonha em passear em cima de um avestruz. Podemos dizer que, nesse caso, a alternância tem também uma função lúdica, em tom de brincadeira.

## 5.2 Relação com a mensagem

Nessa seção, apresentamos análise com os resultados relacionados às funções da alternância que se relacionam com a mensagem.

### (i) Qualificação da mensagem

A função de qualificação da mensagem é utilizada quando o falante alterna o código para qualificar ou enfatizar um enunciado, e apareceu frequentemente em nossos dados. O exemplo abaixo ilustra essa função:

(7)  
[16:34:40][CristinaP] Dónde vives?  
[16:34:54][RaquelM] en Sabadell  
[16:35:01][RaquelM] Sabadell  
[16:35:52][CristinaP] Estamos en clase de iNtercomunicación. Me acaban de poner deberes: chatear contigo en francés. *Ça te fait?*  
[16:36:32][CristinaP] *Tu étudies aussi Français?*  
[16:37:41][RaquelM] si  
[16:37:45][RaquelM] pero se poco  
[16:38:17][CristinaP] *Pas problème , tu peux me répondre en espagnol.*  
[16:38:23][RaquelM] Ahora estoy esperando a mis compañeras de grupo, que tienen que venir

No exemplo (7), duas participantes da equipe de Barcelona interagem em espanhol. CristinaP, que estava em aula no momento, explica que recebeu ordens de passar a falar francês e alterna o código. RaquelM não responde com rapidez e CristinaP faz uma segunda tentativa de obter a aprovação da colega, perguntando, ainda em francês, se ela estuda a língua. À primeira vista podemos considerar que se trata de uma negociação da língua a ser utilizada, não um convite para alternar a língua única da interação, já que a interlocutora continuará falando em espanhol. No entanto, CristinaP recebeu orientação expressa para se comunicar em francês e RaquelM sabe que a regra do projeto é se comunicar na língua materna. A alternância, portanto, não é um convite, apenas enfatiza a mensagem anterior, que menciona que o francês passará a ser utilizado. A função é de ênfase, ou de qualificação da mensagem. Podemos interpretar a segunda pergunta (*Tu étudies aussi Français?*) como uma segunda tentativa de obter uma resposta por parte de RaquelM, e também como uma tentativa de testar a competência da participante.

## (ii) Reiteração

A função que mais apareceu nos dados analisados foi a de reiteração. É natural que essa função apareça com frequência em dados de intercompreensão, pois, quando a mensagem de um participante não é compreendida por outro, dada a incompletude no processo de comunicação (GUMPERZ, 1982b; PEREIRA, 2002), a alternância se torna uma estratégia comum de elucidação: a informação não compreendida é repetida e a resposta apresenta a tradução ou paráfrase na língua nativa do(s) interlocutor(es) ou em outra língua que este(s) domine(m). É o que acontece no exemplo (8):

(8)  
[17:44:39][Adrilu] *cenacle* = ?  
[17:45:28][Jean-Baptiste] *waou Cristina*  
[17:45:35][Jean-Baptiste] *tu parles mieux Français que moi :D*  
[17:45:41][CristinaP] *Me tengo que ir, Adrilu. Cenacle= reunión de filósofos. à la prochaine!*

Nesse exemplo, Adrilu não compreende a palavra “*cenacle*”, utilizada na conversa, e a repete, perguntando seu significado. CristinaP esclarece a dúvida de Adrilu, repetindo a palavra e alternando para o espanhol. CristinaP parece ter escolhido o espanhol, não só por ser sua língua materna, mas também por ser uma língua mais próxima ao português.

## (iii) Clarificação

A função de clarificação pode ser confundida com a de reiteração, mas difere dela por não incluir a repetição/tradução do termo que é esclarecido. Embora a reiteração tenha sido a função mais numerosa em nossos dados, houve poucos exemplos de alternância de clarificação. Notamos que a alternância, sem repetição, é utilizada não para elucidar um termo, mas para pedir elucidação, como é o caso do exemplo (9):

(9)  
[17:09:41][YolandaD] *phelipe, qué entiendes por BATUCA?*  
(...)  
[17:10:04][Phelipe] *BATUQUE?*  
(...)  
[17:12:04][Phelipe] *BATUQUE É TIPO O BARULHO QUE OS INSTRUMENTOS PARA TOCAR SAMBA FAZEM...BATUQUE TEM UM SENTIDO DE UM BARULHO SINFONADO...*  
[17:12:29][YolandaD] *vale, más o menos como aquí*

Neste trecho, YolandaD pergunta a Phelipe o significado da palavra “*batuca*”, que não havia sido utilizada na interação (“*phelipe, qué entiendes por BATUCA?*”, em português, “*phelipe, o que você entende por ‘BATUCA?’*”). Phelipe interpreta a palavra como “*batuque*”. Nesse caso, a alternância não pode ser classificada como reiteração, mas sim como clarificação, pois a palavra “*batuca*” não havia sido mencionada antes.

## (iv) Preenchimento

É interessante notar que, mesmo sendo uma das principais funções da alternância no discurso bilíngue, a função de preenchimento também não foi muito frequente nos dados analisados. Como a orientação do Galanet é utilizar a própria língua para comunicação, neste contexto a necessidade de utilizar a alternância para preenchimento acontece geralmente quando o participante está utilizando uma língua estrangeira.

Na alternância de preenchimento, o *code-switching* se restringe ao uso de apenas uma palavra, expressão ou frase curta. Há casos, no entanto, em que um enunciado mais longo é utilizado, como no exemplo (10):

**(10)**

[17:43:55][Simge] porque é para a Simge e nao para Simge?

[17:44:26][Adrilu] porquê no Brasil dizemos para "a" Renata, para "o" Phelipe...

[...]

[17:45:13][Simge] *juste pour les prenomms ou pour tou? par ex* para a casa

[17:45:32][Adrilu] No Brasi dizemos "A Renata é simpática", não "Renata é simpática"

[17:45:44][Simge] sim

No exemplo (10), Simge, que tem o francês como língua de referência, se comunica em português, mas alterna para o francês para pedir esclarecimento sobre uma dúvida gramatical (em português, “somente para os primeiros nomes ou sempre? por exemplo ‘para a casa’”), alternando novamente para o português em seguida. Como durante todo o restante da interação a participante se esforça para se comunicar em português, podemos considerar que ela alterna a língua por não saber expressar sua dúvida em português ou por se sentir mais confortável fazendo a pergunta em sua língua de referência. O *code-switching* para preenchimento pode ser mais difícil de identificar por nem sempre sabermos o nível de conhecimento que o falante tem da língua que está utilizando.

### 5.3 Relação intertextual

Foram duas as motivações listadas no quadro teórico e analítico que estabelecem uma relação intertextual: citação e *triggering* (quando a alternância provoca uma alternância por parte do interlocutor). A função de *triggering*, no entanto, não foi encontrada nos dados. No caso da intercompreensão, os falantes se expressam predominantemente em suas línguas maternas e as interações não acontecem em uma língua comum, mas em línguas diferentes. É muito difícil, portanto, que um episódio de *code-switching* desencadeie a mudança de língua da interação, já que os participantes procuram obedecer à orientação de se comunicarem em sua língua materna. Notamos, também, que a língua utilizada na maior parte da interação é muitas vezes negociada pelos participantes, embora, ao contrário do que acontece em interações espontâneas e faladas, seja mais comum que a negociação funcione explicitamente e não por meio da alternância, como no exemplo (11):

**(11)**

[17:29:21][AnnaO] Jean y podrías explicarnos otra vez lo mismo que has puesto, pero ahora con tus palabras?

[17:29:24][CristinaP] *Alors?*

[17:29:35][Jean-Baptiste] en francés o en castellano ?



[17:29:39][JuanjoséO] que es entonces para ti el alma?  
[17:29:53][AnnaO] en castellano mejor  
[17:30:03][Jean-Baptiste] lo voy a intentar pues

No exemplo (11), Jean-Baptiste pergunta se os outros participantes preferem que ele se comunique em francês ou em espanhol (“en francés o en castellano?”) e AnnaO pede que ele fale espanhol (“en castellano mejor”, que em português significa “em espanhol é melhor”). Trata-se, aqui, de uma negociação explícita da língua que será utilizada.

A função de citação é mencionada frequentemente como uma das principais funções do *code-switching*. Os participantes utilizam a alternância para citar algo que foi dito por outro participante, para mencionar nomes das funções/ambientes da plataforma em outras línguas ou alguma referência externa, como provérbios, poemas ou letras de música, como no exemplo, a seguir:

(12)

[12:23:59][Adrilu] Eu não gosto muito, mas é bom para aprender italiano.  
[12:24:02][Ana\_D] aqui também Laura Pausini é muito conhecida!  
[12:24:17][MarcoB] **Lucio Dalla da noi è un grande cantante, è un maestro...**  
[12:24:25][Adrilu] **"io che qui sto morrendo... e tu che mangi il gelato"**  
[12:24:41][Adrilu] É mesmo? Lucio Dalla é um bom cantor?

No exemplo (12), MarcoB menciona o cantor Lucio Dalla (“*Lucio Dalla da noi è un grande cantante, è un maestro...*”, em português, “nosso Lucio Dalla é um grande cantor, é um mestre...”) e Adrilu utiliza o italiano para citar um trecho de uma letra de música do cantor (“*io che qui sto morrendo... e tu che mangi il gelato*”). Com a citação, o falante remete ao contexto de produção do enunciado, apresentando o trecho citado na língua em que ele foi produzido.

Com a análise dos dados, como apresentamos nesta seção, podemos perceber que, na perspectiva sócio-pragmática e interacional, o *code-switching* é utilizado, em nosso contexto, por motivações diferentes de como é utilizado no discurso bilíngue. A seguir apresentamos, em nossas considerações finais, maiores reflexões sobre os resultados obtidos e como eles se relacionam com uma perspectiva pedagógica.

## 6. Considerações finais

O objetivo central da pesquisa consistiu em analisar interações no projeto Galanet e, assim, mostrar a importância do *code-switching* para os projetos de intercompreensão que envolvem interação *online* entre falantes. Em uma das perguntas da pesquisa, indagamos como funcionaria a interação entre os participantes, envolvendo línguas e culturas diferentes. Compreendemos que o *code-switching*, nesse contexto, faz parte de recursos de comunicação utilizados pelos falantes, e também contribui para a aprendizagem das línguas em si, proporcionando oportunidades de prática.

Refletimos sobre como as abordagens de análise do *code-switching* poderiam contribuir para uma proposta teórica e analítica de intercompreensão no projeto Galanet. Estabelecemos, inicialmente, um quadro teórico e analítico (ver seção 3) a partir de tipologias funcionais propostas por diferentes autores (GUMPERZ, 1982A; GROSJEAN, 1982; KOZIOL, 2000, apud OLIVEIRA, 2006; CAUBET, 2001, apud GARDNER-CHLOROS,

2010; MCCORMICK, 2002, apud GARDNER-CHLOROS, 2009), em que as categorias de análise foram estabelecidas mediante relações com o interlocutor, com o texto e com a mensagem. Percebemos que as funções associadas à perspectiva sócio-pragmática cumpriam também funções pedagógicas. A função de reiteração, por exemplo, que se mostrou a função mais frequente do *code-switching* no contexto da pesquisa, é utilizada para transmitir significados e checar compreensão, enquanto a de solidariedade se relaciona com o *code-switching* para elogiar ou motivar. Entendemos que seja natural que as duas perspectivas se relacionem, já que concebemos os ambientes pedagógicos como situações sociais, nas quais a linguagem tem papel fundamental para a construção do conhecimento.

O processo de ensino-aprendizagem envolve diferentes dimensões, como a dimensão cognitiva e a afetiva, por exemplo, e é possível perceber que as funções sociais e pragmáticas do *code-switching* estão relacionadas a estas dimensões. A alternância de códigos pode servir, por exemplo, para mitigar uma afirmação rude de um aprendiz ou para fazer com que um aprendiz se sinta mais confortável cumprindo uma tarefa com um grupo de pessoas que não conhece, o que estaria relacionado, por exemplo, à uma dimensão afetiva do ensino-aprendizagem (DESLANDES, 2013).

Em outra pergunta da pesquisa, indagamos sobre as contribuições do *code-switching* para o desenvolvimento de uma competência plurilíngue. Levamos em consideração as ideias discutidas por Melo (2006), que explica que construir uma competência plurilíngue envolve a gestão de diferentes dimensões e repertórios: a dimensão sócio-afetiva, o repertório linguístico-comunicativo, o repertório de aprendizagem e a dimensão interacional. Acreditamos que o *code-switching* tenha relação com a gestão destas dimensões e repertórios, auxiliando na construção da competência plurilíngue. O indivíduo alterna a língua de acordo com suas motivações, com suas habilidades e competências construídas/em construção, com suas representações das línguas que domina/aprende, as relações dessa língua com a sociedade e com o contexto nos quais está inserido, em dimensões micro e macro.

É importante ressaltar que esses aspectos se enquadram em uma perspectiva mais ampla de aprendizagem colaborativa para a qual o *code-switching* é uma ferramenta valiosa. É possível perceber o papel importante da utilização de outras línguas na troca linguística e cultural que funciona neste tipo de interação: os participantes podem praticar o conhecimento que adquiriram em situações reais de comunicação e ter suas deduções confirmadas ou corrigidas por outros participantes.

Pensamos que a direção que as pesquisas em intercompreensão têm tomado contribuem imensamente para a ampliação e disseminação do conceito. Construir novos projetos, continuar a pesquisa em inserção curricular e em intercompreensão entre línguas não-aparentadas é fundamental diante do cenário da área de ensino-aprendizagem de línguas, não só na Europa, mas no resto do mundo. Afinal, como comenta Capucho (2010, p.2), a intercompreensão está longe de ser um conceito (re)conhecido e partilhado pela sociedade em geral, estando ainda “distante do mundo real”. No entanto, acreditamos também que, dada a tendência para o crescimento das abordagens de ensino-aprendizagem à distância, não só a pesquisa sobre intercompreensão em meios virtuais, mas também sobre o *code-switching* em *chats* (em especial em *chats* plurilíngues) deveriam ganhar mais destaque.

## ***Code-switching in the perspective of intercomprehension: plurilingual chat interactions on the Galanet project***

ABSTRACT: This study analyses the importance of code-switching for intercomprehension, a language teaching/learning approach in which the learners communicate mainly in their native language. The examination of interactions between participants of the Galanet online platform, a Romance languages intercomprehension project, is carried out to examine how code-switching appears in the project and how it can contribute to the linguistic and cultural exchange. The results show that, in this context, code-switching meets sociopragmatic and pedagogical functions related to different dimensions of the teaching/learning process, assisting the construction of a plurilingual competence.

Keywords: intercomprehension; code-switching; plurilingualism; language learning; plurilingual chat conversation.

### **Referências**

- AUER, P. *Bilingual conversation*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1984a
- \_\_\_\_\_. On the meaning of conversational code-switching. In: AUER, P. and DI LUZIO, A. (Eds) *Interpretive Sociolinguistics*. Tübingen: Narr, 1984b, p. 87 – 112
- \_\_\_\_\_. A conversation analytics approach to code switching and transfer. In: HELLER, M. *Codeswitching: anthropological and sociolinguistic perspectives*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1988, p. 187 - 213
- \_\_\_\_\_. The pragmatics of code-switching: a sequential approach. In: MILROY, L.; MUYSKEN, P. (Eds) *One speaker, two languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p. 115 – 136
- \_\_\_\_\_. (Org.) *Code-switching in conversation: language, interaction and identity*, 1998.
- BLOM, J.; GUMPERZ, J. J. Social meaning in linguistic structures: Codeswitching in Northern Norway. In: J. J. Gumperz; D. Hymes. (Eds.) *Directions in Sociolinguistics: the ethnography of communication*. New York: Holt, Rinehart; Winston.; 1972. p. 407-434.
- BRAGA, A. Técnica etnográfica aplicada à comunicação online: uma discussão metodológica. *UNRevista*, São Leopoldo, v.1, n.3, p.1 – 11, 2006
- CAPUCHO, M. F. Ciência, ideologia, intervenção: a Intercompreensão para além das utopias. *Synergies Europe*, v.1, n.5, p.101-113, 2010

CAUBET D. Comment appréhender le code switching. In: CANUT, C. et CAUBET, D. (eds.). *Comment les langues se mélangent: code switching en Francophonie*. L'Harmattan, Paris, 2001. p.21-32.

CZERWIONKA, L. Participant perspectives on mitigated interactions: The impact of imposition and uncertainty. *Journal of Pragmatics*, 67, p. 112-130, 2014.

CARTA EUROPEIA DO PLURILINGUISMO. Jornadas Europeias de Plurilinguismo. Observatório Europeu do Plurilinguismo, União Europeia, 2005. Disponível em: <51959387.fr.strato-hosting.eu/.../charteplurilinguisme\_ptv2.doc> Acesso em: 01 de Fev. 2013

CHAVAGNE, J. P. L'intercompréhension entre langues voisines. *Traduire*, Paris, n.210, p. 63 – 72, 2006.

COULON, A. Etnometodologia. Petrópolis: Vozes, 1995

COMMISSION OF THE EUROPEAN COMMUNITIES. Multilingualism: an asset for Europe and a shared commitment, 2008. Disponível em: <[http://ec.europa.eu/languages/documents/2008\\_0566\\_en.pdf](http://ec.europa.eu/languages/documents/2008_0566_en.pdf)> Acesso em: 01 de Fev. 2013

COMISSÃO EUROPEIA, Multilinguismo: uma ponte para a compreensão mútua, Luxemburgo: Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias, 2009. Disponível em:<<http://www.cied.uminho.pt/uploads/MULTILINGUISMO.pdf>> Acesso em: 01 de Fev. 2013

DABÈNE, L. L'enseignement de l'espagnol aux francophones: pour une didactique des langues voisines. *Langages*, Paris, n.39, p.51-64, 1975.

DEGACHE, C. *Romance cross-comprehension and language teaching* : a new trend towards linguistic integration in Europe - The Galanet project solution, Comunicação apresentada em: The International Conference Teaching and learning in higher education: new trends and innovation, Universidade de Aveiro, 2003. Disponível em <[www.galanet.eu/publication/fichiers/dc2003a.pdf](http://www.galanet.eu/publication/fichiers/dc2003a.pdf)> Acesso em: 01 de Fev. 2013

\_\_\_\_\_. La intercomprensión, un desafío educativo para el desarrollo multilingüe de América Latina. Mesa redonda apresentada em Seminário de Formación “La intercomprensión de lenguas como estratégia de educación multilingüe para América Latina”. Chile, 2010.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. The discipline and practice of qualitative research. In: \_\_\_\_\_ (Eds) *The Sage Handbook of Qualitative Research*. Thousand Oaks: Sage, 2005, p. 1 - 32

DESLANDES, A.P. *O code-switching na perspectiva da intercompreensão: interações em chat plurilíngue no projeto Galanet*. 2013. 150 f. Dissertação (Mestrado em Letras) –Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2013. Disponível em :

[http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=1012063\\_2013\\_Indice.html](http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=1012063_2013_Indice.html) Acesso em: 04 de Abr. 2015

ERICKSON, F. Ethnographic microanalysis. In: MACKAY, S. L.; HORNBERGER, N. H. (Eds.) *Sociolinguistics and language teaching*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p.283-306

FRASER, B. Conversational mitigation. *Journal of Pragmatics*. 4, 341—350, 1980.

FERRONI, R. *A comutação de código em sala de aula*. São Paulo: FAPESP, 2010.

GARDNER-CHLOROS, P. *Code-switching*. New York: Cambridge University Press, 2009.

\_\_\_\_\_. Contact and code-switching. In: HICKEY, R. (Ed.) *The Handbook of Language Contact*. Oxford: Blackwell, 2010. p. 188 – 208.

GOFFMAN, E. (1959) A representação do eu na vida cotidiana. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.

GRADDOL, D. *English Next*. UK: British Council, 2006.

GROSJEAN, F. *Life with two languages: an introduction to bilingualism*. Cambridge: Harvard University Press, 1982.

HOLMES, J. Modifying illocutionary force. *Journal of Pragmatics*, v. 8, n. 3, p. 345-65, 1984.

GUMPERZ, J. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982a.

\_\_\_\_\_. *Language and social identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982b.

HALLETT, R. E.; BARBER, K. Ethnographic Research in a Cyber Era. *Journal of Contemporary Ethnography*, v. 43, n. 3, p. 306-330, 2014

KOZINETS, R. V. The field behind the screen: using Netnography for marketing research in online communities. *Journal of Marketing Research*, [s. l.], v. 39, 61-72, 2002

\_\_\_\_\_. *Netnography: doing ethnographic research online*. Londres: Sage Publications, 2010

KOZIOL, J. M. *Code-switching between Spanish and English in contemporary American society*. Monografia (inglês e Língua Estrangeira). St. Mary's College of Maryland. Maryland, 2000.

LÜDI, G; PY, B. *Être bilingue*. Berne: Lang, 2003

MARCUSCHI, L. A. *Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital*. Conferência apresentada em: 50ª Reunião do GEL – Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo. USP, São Paulo, 2002

MARTINEZ, P. *Didática de línguas estrangeiras*. São Paulo: Parábola, 2009.

MCCORMICK, K. Code-switching, mixing and convergence. In: MESTHRIE, Rajend (ed.). *Language in South Africa*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. P. 216-234.

MELO, S.M.M. *Emergência e negociação de imagens das línguas em Encontros Interculturais Plurilingues em chat*. 2006. 655 f. Tese (Doutorado em Didática) - Departamento de Didática e Tecnologia Educativa, Universidade de Aveiro Aveiro, 2006.

MYERS-SCOTTON, C. *Duelling Languages*. New York: Oxford University Press, 1993

OLIVEIRA, R.S.P. de *Code-switching: perspectivas multidisciplinares*. 2006. 161 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica: Rio de Janeiro, 2006.

PEREIRA, M. G. D. Introdução. *Palavra*, n. 8, p.7-25, 2002.

REDINTER Lot de Travail n°7. Disponível em < <http://redinter.eu/formations-redinter/>>  
Acesso em: 02 de abr. 2015

Data de envio: 27/10/2014  
Data de aceite: 23/03/2015  
Data de publicação: 03/08/2015